

MANGUE, CARANGUEJOS E DANÇA: VIVÊNCIA EM CAMPO NO DIÁLOGO ENTRE CRIAÇÃO ARTÍSTICA E PRÁTICA CULTURAL

Bianca Bazzo Rodrigues¹

Janailza Elizabete da Silva Lourenço²

Sheila Karine Melo Lima³

Resumo: O artigo apresenta uma proposta artística proveniente da vivência em um contexto sociocultural específico como fonte de alimentação poética e discursiva na criação cênica. O contexto da pesquisa foi o ambiente dos manguezais de Aracaju e cidades vizinhas, convivendo com a prática da cata dos crustáceos nesse ecossistema e com os catadores de caranguejos da região. Além da vivência nesse local, tomamos parte da leitura do livro “Homens e Caranguejos” de Josué de Castro, enquanto fonte criativa na pesquisa de movimento em dança. Para a criação cênica o trabalho pautou-se na proposta metodológica de Machado (2007), intitulada o “Jogo da Construção Poética” que identifica as relações criadas durante a pesquisa como eixo na dinâmica investigativa, a partir dos “jogos de relações” entre intérprete-criador, sujeitos do contexto, histórias de vida e ambiente vivenciado. Esse trabalho possibilitou um estudo poético e sociocultural sobre os catadores de caranguejos e os ambientes dos manguezais que cercam o nosso município, conduzindo o debate entre os conhecimentos científicos, a sabedoria popular e a prática artística. O trabalho foi guiado pelos estudos de Almeida (2010) ao problematizar os padrões de formação que nosso sistema político-educacional vem nos formando, evidenciando os saberes populares enquanto sistema significativo e formador de conhecimento cultural, social e ambiental.

Palavras-chave: mangue, dança, cultura, saber popular.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado é fruto da investigação e estudo criativo desenvolvido na disciplina “Extensão e Dança”, do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Sergipe. O objetivo principal era a criação cênica alimentada por uma convivência e diálogo em um contexto sociocultural específico do estado, no caso uma criação em dança advinda das histórias e do fazer cotidiano dos catadores de caranguejos da nossa região, mais especificamente do conjunto Marcos Freire, da cidade de Socorro, pertencente ao que se chama de grande Aracaju.

¹ Professora Assistente do Departamento de Dança da UFS. E-mail: bibs_bazzo@yahoo.com.br

² Discente do curso de graduação em Dança da UFS. Bolsista PROEX/UFS. E-mail: janailzalzt658@gmail.com

³ Discente do curso de graduação em Dança da UFS. E-mail: smlkarine@hotmail.com

A partir do delineamento do contexto que se daria as pesquisas de campo, tomamos parte da leitura do livro “Homens e Caranguejos” de Josué de Castro que serviram como ponte poética para iniciarmos nosso contato com o ambiente escolhido. As histórias contadas no livro foram se aproximando das realidades - não diretamente nas situações vividas pelos personagens da literatura - mas identificando os pontos que acabam por ligar as diferentes histórias, memórias e vidas daqueles que sobrevivem do mangue, daqueles que vivem em situações de risco, de marginalização e esquecimento pela sociedade. Da poética literária à realidade encontrada.

Dentro da proposta metodológica de Lara Rodrigues Machado, intitulada o “Jogo da Construção Poética”, iniciamos nossas vivências *in loco* como estratégia de inspiração criativa e de prática corporal a partir do improviso e descobertas de movimentos que surgem nos processos de diálogos corporais na relação entre intérprete-criador e o campo de pesquisa. O eixo dos trabalhos cênicos desenvolvidos por meio dessa proposta artístico-pedagógica é a ancestralidade, o ritual, o mito, a tradição das culturas, através de um diálogo interdisciplinar no mundo atual.

A partir das estratégias de vivência em campo, propostas por Laplantine (1988), problematizamos nossa atuação no contexto vivenciado enquanto intérpretes-criadores. As poéticas de movimento, histórias de vida e gestualidades se tornaram o manancial, juntamente com a literatura, de possibilidades criativas de movimento para a cena. Assim como, enquanto sujeitos no mundo, a convivência e troca de conhecimento no campo, ampliaram e intensificaram os debates sobre as formas sociais, educativas e culturais que nos atingem, e o quanto muitos saberes, fazeres e formas diferenciadas de viver ainda são negligenciadas num contexto mais amplo da sociedade.

Dentro desse debate, foram as discussões levantadas por Maria da Conceição Almeida, em seu livro “Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição” que engrossaram e forneceram ações substanciais para nos revermos enquanto agentes ativos na sociedade, aqui dentro de uma proposta artística em dança que adentrou em outros campos dos saberes, num modelo rizomático de tratar as diferentes situações que a pesquisa apresentava ao longo das atividades.

2 MÉTODO

Dentro das metodologias empregadas na disciplina onde a investigação, vivência em campo e criação cênica aconteceu, a leitura poética do livro de Josué de Castro apresentou o contexto que iríamos partir para o contato direto. Foi solicitada a leitura de alguns trechos do livro e pedido também para serem anotadas as falas, cenas, histórias mais marcantes e/ou aquelas que despertaram outras memórias pessoais.

Durante as aulas práticas, criou-se um ambiente investigativo de movimento corporal incitado por essas histórias. As passagens eram lidas em voz alta enquanto que a movimentação acontecia ao mesmo tempo, estimuladas pelas histórias do livro e as ações físicas e sensitivas que elas despertavam no corpo que dança.

As falas eram pedidas para serem ditas conforme as situações e relações que começavam a se estabelecer, seja com os próprios discentes participantes da criação cênica, seja das relações entre memórias individuais e o contexto investigado. Assim, gestuais, ações, posturas e texturas corporais começavam a serem colocadas em prática, a partir do movimento dançado, releituras e ressignificações que se aproximavam com o contexto que a literatura despertava. Como exemplo, transcrevemos uma passagem do livro: “A estrada, arrasada pelas chuvas de maio, está lama só. Os pés chatos dos balaieiros que avançam curvados ao peso dos seus balaies atolam-se fundo na terra mole, espirando barro por entre os dedos” (CASTRO, 2003, p.07).

Nesse trecho, as ressignificações nas aulas foram sendo praticadas em diferentes dinâmicas de movimentos, exploradas de diversas formas no espaço e nas relações corporais, poéticas e de memórias que começavam a aparecer. Porém, a movimentação ganhou mais propriedade, estruturação física, abrindo um percurso sensitivo quando as aulas começaram a ser realizadas no próprio ambiente dos mangues, nas cidades de Barra dos Coqueiros e Socorro – Conjunto Marcos Freire. O corpo foi se adaptando nessa terra de lama, que escorrega, que afunda, que atola. Naturalmente, o corpo inteiro se reestrutura, é preciso curvar para seguir, para desviar dos galhos, para se camuflar no habitat vivido. Como os caranguejos, siris, guaiamus, habitantes naturais desse ambiente.

Se a terra foi feita para o homem, com tudo para bem servi-lo, o mangue foi feito especialmente para o caranguejo. Tudo aí é, foi, ou está para ser, caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela [...]. São duzentos mil indivíduos, duzentos mil cidadãos feitos de carne de caranguejos. O que o organismo rejeita volta como detrito para a lama do mangue para virar caranguejo outra vez (CASTRO, 2003, p. 08).

A ida a campo foi amparada pelas proposições de Laplantine (1988) quanto à postura do pesquisador no contexto vivenciado durante a pesquisa. Suas colocações vão desde formas de se olhar, do que necessariamente olhar e como participar das práticas e ações do campo. Principalmente da experiência pessoal do pesquisador junto ao campo de pesquisa. Para o autor é necessário vivermos a cultura que se pesquisa, realizar as práticas, conhecer as dificuldades e as principais ideias e fazeres do local.

A proposta apresentada pelo autor, enquanto a postura daquele que convive com o contexto, acaba por provocar um olhar interior sobre nós mesmos, nos faz perceber a nossa própria cultura, revendo as implicações sociais, culturais e formativas que nos afetam diretamente. E revermos nossas atitudes e identificar essas marcas, nos proporciona olhar para o contexto que se pesquisa a partir de uma complexidade de pensamento, já que “de fato, presos a uma única cultura, somos não apenas cegos à dos outros, mas míopes quando se trata da nossa” (LAPLANTINE, 1988, p.21).



Imagem 1: Ida a campo. Conjunto Marcos Freire. Foto: Bianca Bazzo.

As práticas investigativas aconteceram na própria sala de aula no departamento de Dança da UFS, a partir de atividades e jogos corporais, no próprio ambiente dos manguezais e numa intervenção direta no calçadão do bairro 13 de Julho. As vivências e experimentações dentro do mangue se intensificaram quando da ida à Ilha de Pomonga com o pescador e catador de caranguejo, conhecido como Gidinho.

Foi possível, nesse dia, escutar seu relato de vida, a vivenciar diretamente seu trabalho no mangue e a troca com outros pescadores e catadores de caranguejo que

estavam ali. A ida a essa ilha acontece quinzenalmente, variando conforme a maré. Os catadores saem na sexta-feira de manhã e durante o dia realizam a cata na ilha de manguezal. Os catadores passam a noite limpando e amarrando os caranguejos na corda, dormem na ilha e só no sábado de manhã é que retornam para a cidade, indo direto na feira vender os caranguejos, siris, guaiamus e até alguns peixes.

Nessa vivência, aprendemos a diferenciar algumas espécies de crustáceos, pegamos siri dentro de uma técnica específica junto ao uso de objetos por eles fabricados, amarramos os caranguejos na corda com outros pescadores e conversamos sobre o trabalho de cata e pesca. Era possível perceber em suas falas, que suas histórias de vida se dividiam entre orgulho e indignação.

Nas conversas nesse dia, alguns disseram que foi da prática de catar caranguejo no mangue que conseguiram formar uma família, colocar comida na mesa e até comprar uma casa. Que conheciam a maré, os habitantes naturais desse local e respeitavam as regras da natureza. O dia certo para ir trabalhar, dependendo da lua, da força do rio. Conhecimento aprendido na própria vivência, poucos são os catadores que sabem ler e escrever.

Algumas falas escutadas partiam para a indignação e descaso do governo e da própria população em relação aos mangues e as pessoas que precisam desse ambiente para sobreviver.

Essas experiências ampliaram outros repertórios e possibilidade de movimento ao corpo que dança, ressignificando as nossas memórias e atitudes como agentes sociais. Investimos em toda a complexidade de fazer que essa proposta nos colocava, investigando e debatendo o contexto vivido.

Para trazer essas cenas, ações, gestualidades e ambientação ao corpo em movimento poético, passamos pelos processos metodológicos de criação cênica de Machado (2007) nos diferentes espaços investidos. Depois da pesquisa de campo, parte-se para os laboratórios de criação, que a partir de algumas indicações e etapas de investigação do movimento ocorrem a ativação das sensações físicas-sensitivas vivenciadas no contexto. Para a autora:

[...] é dessa essência do jogo do improviso entre campo de pesquisa, das descobertas pessoais de movimento, das relações de diferentes situações e diálogos corporais que prolifera a composição artística. E desse jogo de relações entre as diferentes partes e proposições que transferimos essa essência para o trabalho criativo (RODRIGUES, 2016, 723).



Imagem 2: Caçuás – trabalho cênico da disciplina. Foto: Amanda Conceição.

O “Jogo da Construção Poética” possui algumas etapas de desenvolvimento, que não necessariamente acontecem em uma ordem ou em momentos separados. É possível o exercício de duas etapas num mesmo período e/ou até retomar atividades realizadas anteriormente já no final do processo. As etapas são nomeadas de laboratórios de criação, exercícios de improvisação e a composição coreográfica. Conforme a autora:

Mesmo quando o intérprete chega à etapa da composição final do espetáculo, ele não deve deixá-la congelar, mas, sim, mantê-la viva. Para que ela tenha vida é necessário que os intérpretes alimentem, dentro de si, os “sentidos” e as “verdades” por eles descobertos durante o processo criativo. Portanto, realizar alguns laboratórios por curto período de tempo (vinte minutos, por exemplo), novos exercícios de improvisação que venham a enriquecer as composições já elaboradas e até mesmo quando possível retornar ao campo de pesquisa, são atitudes positivas e enriquecedoras para que se mantenha a qualidade do trabalho artístico (MACHADO, 2007, p. 46).

As experimentações corporais no ambiente dos mangues se revelaram como estrutura fundamental para a poética cênica do que foi vivido. As gestualidades, os fazeres práticos da cata dos caranguejos, as vestimentas, os movimentos dos próprios animais, o cheiro forte de mangue foram se transformando em dinâmicas, relações e ações dançadas – ativadas e revisitadas na prática compositiva.

A partir dessas dinâmicas que vão surgindo no “jogo das relações” é possível experimentar uma exploração de movimento corporal que extrapola as formas e técnicas conhecidas na Dança. E para o fazer em Dança no ambiente acadêmico, esse processo se torna precioso, principalmente quando os diferentes campos do conhecimento são colocados numa linha horizontal e rizomática de importância e relevância, problematizando os debates sobre cultura, sociedade, educação e modos de viver na contemporaneidade.

A discussão sobre os diferentes espaços sociais e saberes existentes na sociedade foram fundamentados pelo estudo crítico de Almeida (2010). A autora propõe a busca de uma visão periférica ante as formas e padrões que nosso sistema político-educacional vem nos formando. Para isso, a autora apresenta os “intelectuais da tradição”, os saberes que emergem das margens do conhecimento científicos como espaços formativos e repletos de conhecimentos sobre o homem e a natureza. Denuncia que a exclusão dos conhecimentos dessas culturas “fora da rede” compromete uma democracia cognitiva e subjuga a diversidade de saberes.

Almeida (2010) fala de um caminhar transversal nas questões dos diferentes espaços cognitivos. Os conhecimentos dispersos devem ser reagrupados, a fim de nos apresentar formas de viver nas relações de alteridade e diálogo entre os múltiplos territórios sociais. A autora apresenta os saberes populares como um espaço de atualização constante do conhecimento, que leva em conta todos os comunicadores existentes na natureza.

Foi possível perceber essa autorregeneração do conhecimento nas vivências de campo. Há um saber no mangue que perpassa o conhecer e respeitar a maré, a utilizar técnicas manuais de cata dos crustáceos para não afetar a reprodução dos mesmos e a prejudicar o ambiente. Os catadores de caranguejos conhecem o habitat onde trabalham e os seres que nele vivem, respeitando a época da andada (reprodução da fêmea).

Almeida (2010) propõe uma cosmologia do pensamento que tem como intento o entrelaçamento dos diferentes cenários cognitivos, numa aproximação sem compactar as partes. Busca uma cosmologia dos saberes humanos para uma ciência da complexidade. “Afim, a ciência não é nada mais do que o mito da modernidade por excelência” (MORIN e CARVALHO in: ALMEIDA, 2010, p.16).

3 RESULTADOS

Foi possível com esse trabalho rediscutir o espaço formativo no contexto acadêmico, em específico a ações desenvolvidas no campo artístico da dança. Muito mais do que modelos e padrões de movimento para a criação cênica, a investigação e a convivência num contexto sociocultural específico do estado, possibilitou problematizar as discussões e ação do discente enquanto agente formador e transformador da realidade e comunidade onde vive.

A partir da pesquisa e diálogo *in loco* com os catadores de caranguejos e o desenvolvimento das aulas práticas realizadas no ambiente dos manguezais, conduziram o trabalho para uma dimensão mais próxima e verdadeira das reais situações que esse ambiente e essa prática cultural e profissional está sujeita; interferindo diretamente em nosso contexto social como um todo e vice-versa.

Foi possível perceber as implicações que o turismo, o desenvolvimento urbano, as construções habitacionais afetam diretamente a destruição dos manguezais, provocando a diminuição desse ecossistema tão importante para nossas vidas. O descaso da população e da prefeitura no descarte do lixo nos córregos e rios, e as leis de defeso da cata dos crustáceos que não são articuladas e discutidas diretamente com as pessoas que vivem dessa prática; e a negligência dos órgãos públicos ao não cumprirem com o seguro e assistência desses profissionais nesse período são alguns dos pontos relatados, vistos e vividos durante a pesquisa. Sem contar o mercado de atravessadores que atingem essa prática econômica, como acontece aos pescadores também.

Dessa forma, a proposta que inicialmente parecia apenas atingir o espaço da prática de criação artística, ampliou e dialogou diretamente com outras questões essenciais na formação discente no âmbito acadêmico. A convivência direta no contexto investido nos mostrou o encontro com nossas próprias histórias, nossa cultura, nossa terra e nossas raízes ancestrais; nos alertando sobre um ambiente que está morrendo, de como esse ecossistema é importante para a cidade, afetando direta e indiretamente as nossas vidas.

Esse trabalho possibilitou uma educação através do movimento, trazendo uma visão de debates com outras áreas do conhecimento em conjunto com a Dança. Um processo de construção educacional crítico e emancipatório, reciclando o papel do discente, trazendo um maior preparo em pesquisa de movimento, que vai muito além do que é visto em sala de aula, e sim adentrando num contato direto com realidades sociais, políticas e culturais da nossa região. Assim toda essa pesquisa traz de forma criativa,

esclarecedora, construtiva e principalmente educativa o pensar dança no espaço acadêmico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

CASTRO, Josué. **Homens e Caranguejos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MACHADO, Lara Rodrigues. **O Jogo da Construção Poética**: processo criativo em dança. 2007. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

RODRIGUES, Bianca Bazzo. **Pisando no mangue**: a cultura das catadoras/catadores de caranguejo no estado de Sergipe como poética na criação em dança. Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Goiânia: ANDA, 2016. p. 718-728.